

NUNCA DIGAM MAL DE
SI PRÓPRIOS; OS VOSSOS
AMIGOS O DIRÃO EM DE-
MASIA.

Talleyrand

A Voz de

SEMANÁRIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA



PORTE
PAGO

ANO XXI

8-9-77

Composição e Impressão

«GRÁFICA EDITORA»

Av. João Ferreira da Maia, 20

Telef. 92091

RIO MAIOR

DIRECTOR E PROPRIETÁRIO

José Maria da Piedade Barros

Redacção e Administração

GRÁFICA LOULETANA

Rua da Carreira

Telef. 6 25 36

LOULÉ

(Preço avulso: 5\$00)

N.º 639

NA DURA ESCALADA DA AUSTERIDADE

Como era de calcular o anúncio da 2.ª edição de medidas de austeridade, já vulgarizado sob a etiqueta do «2.º pacote», propalado pelo Primeiro Ministro, dr. Mário Soares, logo seguido pela promulgação dos respectivos diplomas legais, vieram despertar, em sobressalto, os ócios dos portugueses em férias e redobrar, mais ainda, as apreensões dos muitos, que sem férias, prosseguem nas actividades rotineiras do dia a dia.

Afinal a ubiquidade das preocupações, ou a sua generalização, é uma constante que não poupa ninguém. Todos pressentem, no limiar de uma vida mais difícil, que as medidas de austeridade vão cobrar juros bem elevados e que os custos e os riscos sociais não se farão esperar, acompanhando-os a par e passo. Certamente, as preocupações do cidadão comum, o mais exposto e o mais vulnerável, terão uma expressão interiorizada porventura mais lancinante. Será ele, em última instância, que sofrerá mais os rigores draconianos, mesmo que se pretenda equitativamente «repartir o mal pelas aldeias».

Indubitavelmente, o «2.º pacote», tal como o «1.º», não deixará de provocar, em réplica, uma onda de descontentamento, alimentada, segundo o oportunismo habitual, pelo empolamento das especulações políticas condenatórias, em busca de aleatórias supremacias partidárias.

TOMÁS RIBAS

Na sequência das atribuições que estão conferidas ao seu cargo afecto à Secretaria de Estado da Cultura, como impulsionador e coordenador, junto da Comissão Regional de Turismo do Algarve, de programas afins, o prof. Tomás Ribas contactou com as Organizações Hoteleiras Fernando Barata, no sentido de se inteirar dos empreendimentos encabeçados por esta empresa.

No campo das iniciativas previs-
(continua na pág. 6)

Com efeito, de todos os quadrantes e em todos os tons, as críticas e as censuras incidem com visível acrimónia sobre o governo impugnando-o de incapacidade para dar solução aos graves problemas nacionais.

Contudo, ante o torvelinho das acusações e antes que o burburinho e a loquacidade militantes lancem nos ânimos mais incautos a perplexidade, a confusão, o despeito e a frustração, importa com toda a inde-
(continua na pág. 3)

Rancho Folclórico Infantil de Loulé

Pode-se afirmar sem qualquer ponta de exagero que foi auspiciosa, a todos os títulos, a estreia do Rancho Folclórico Infantil de Loulé nas festas de Verão desta Vila.

De resto, é necessário frisar, para tal contribuiu o seu impulsionador e ensaiador, sr. Fernando Correia Soares, que conta já uma larga experiência recheada de inusitados êxitos, como nomeadamente, ter feito dançar o corridinho do Algarve a um grupo de negrinhos de Moçambique.

Quando, na realidade, o Rancho Infantil de Loulé subiu ao tablado, para exhibir os seus números coreográficos inspirados no folclore de Alte e das regiões do concelho, já dominava com acerto e segurança os esquemas das respectivas danças, apenas lhe faltando, compreensivelmente, provar perante o público a sua capacidade executiva.

Pois, na noite da sua estreia, ocorrida a 13 de Agosto passado, afora o eventual nervosismo de que os miúdos não deram mostras, saíram-se muito bem merecendo da larga assistência que enquadrou a sua primeira

QUATRO ESTRADAS GANHA TRISTE NOTORIEDADE

Regra geral atribui-se à imprevidência e à desatenção dos condutores de veículos as culpas dos frequentes acidentes de viação que enlutam as nossas estradas.

Decerto que não negamos a veracidade desta asserção. Mesmo aqueles que têm por germe poucos gastos ou avarias mecânicas devidas a negligência das revisões.

Mas, também há circunstâncias alheias à vontade do condutor que contribuem funestamente para o acidente, as quais não se devem menosprezar ou calar em face à regra
(continua na pág. 3)

PROVÁVEL VINDA AO ALGARVE

DO PRESIDENTE DA REPÚBLICA E DO PRIMEIRO MINISTRO AO ENCERRAMENTO DO FESTIVAL NACIONAL DE FOLCLORE

Considera-se muito provável a vinda ao Algarve, no próximo dia 11, do Presidente da República, General Ramalho Eanes, e do Primeiro Ministro, dr. Mário Soares, ao encerramento do «I Festival Na-

cional de Folclore», a ocorrer conforme programado na Marina, de Vilamoura.

Para o efeito foram apresentados, às altas individualidades acima aludidas, proto-
(continua na pág. 5)

39.ª Volta a Portugal em Bicicleta

JOSÉ MADEIRA (CAMPINENSE)
obteve um brilhante 9.º lugar

Disputou-se mais uma edição da Volta a Portugal em Bicicleta, a

maior manifestação ciclística do nosso País, e em boa vedade, a única em

Comentários de
JOSÉ MANUEL MENDES

que o ciclismo é levado um pouco mais a sério quer pelos atletas, quer pelos responsáveis que superintendem nos cordelinhos da modalidade.

O ano de 1977 trouxe uma novidade. Efectivamente, ao falar-se de ciclismo em Loulé, logo vinha a lume o nome do Louletano Desportos Clube, agremiação desportiva que,
(continua na pág. 2)

I SEMANA DE ESTUDOS ALGARVIOS

Esteve patente de 22 a 26 de Agosto e granjeou larga afluência a exposição documental integrada na I Semana de Estudos Algarvios realizada em Lagos.

A exposição ora encerrada comportou obras editadas pela Casa do
(continua na pág. 6)

Como eu vi o meu Algarve

Prezado Piedade Barros.
Estou finalmente em férias no Algarve.

Não faz ideia o que me custou passar os últimos meses em Lisboa e no escritório. As ainda existentes «lavagens ao cérebro» radiodifundi-

das ou televisonadas, o optimismo suicida por exagerado de certos governantes e a realidade apresentada por outros responsáveis indicadoras das «baías» apertadas que irão, necessariamente, envolver a condicionar o singrar já tão baloiçante da nau portuguesa que tão navegavelmente percorria o Mundo que o português descobriu e civilizou, eu sei lá que mais motivos, e foram tantos, provocaram-me um desejo intensíssimo de regressar às origens onde pudesse descansar, respirar, isolar-me, banhar-me na rotineira e ainda sã vida da província — a vida real da maioria dos portugueses e limpar-me,
(continua na pág. 5)

CASAS PRÉ-FABRICADAS VINDAS DA BÉLGICA PARA RETORNADOS

Nos dias 16 e 17 de Agosto, último, chegaram à Cooperativa agro-pecuária de desalojados das ex-colónias denominada «Chitaca», no Concelho de Loulé, 11 casas pré-fabricadas vindas da Bélgica e que se inserem num plano de auxílio a retornados concedido pelo Governo Belga.

No dia 5 de Setembro chegaram mais 14 casas pré-fabricadas com destino à Cooperativa agro-pecuária «rimbo», no concelho de São Brás de Alportel, vindas do mesmo país
(continua na pág. 2)



VILAMOURA: Terá soado finalmente a hora da concretização do sonho total daquele que já é um dos maiores empreendimentos turísticos da Europa?

O ZÉ EM DESABAFO:

«Uns comem os figos,
a outros
rebenta a boca!»

(LER NA PÁG. 2)

O ZÉ EM DESABAFO: «Uns comem os figos, a outros rebenta a boca»!

Ai vêm já em passo estugado as novas medidas de austeridade e, tal como a primeira fornada, não deixarão de causar as suas moissas na já estafada bolsa do Zé.

Este, por sua vez, toma as suas precauções e já pediu ao sapateiro do lado mais um furo, perdão, dois furos no cinto, antes que as calças lhe fiquem lassas e bambas, a modos do Cantinflas.

Entretanto vai cogitando lá muito para si, sem que se deixe cair na rede do derrotismo doentio.

Lá isso não, o Zé pode suportar tudo, desde os apuros de metal sonante às negações do bacalhau, mas nunca, por nunca ser, se permitirá ideias tenebrosas de tédio e pessimismo.

Acha o Zé, e com toda a razão, que a vida é uma aventura única que merece ser vivida. Por outro lado, não consente que as tristezas além de não lhe pagarem as dívidas se intrometam demasiado com o seu natural feitio festivo e por vezes folgazão.

Há muita coisa em seu derredor que o incita à admiração...

No entanto, embora dado a devaneios, não perde pitada e olha para as realidades sem miopias.

As interrogações e as respostas, vêm à tona, umas convincentes outras nem tanto.

Porque se encarna o destino materialista contra o Zé?

Que mal fez ele para pagar por tabela?

Porque terá ele de suportar a batata quente que outros ajudaram a aquecer?

Embora não se tenha na conta de supersticioso por vezes desconfia que

andam por aí uns duendes a conspirarem contra a sua tranquilidade e bem-estar.

Bem vistas as coisas, acha ele que muita gente se excedeu a gozar de rendimentos que agora fazem falta para tapar os muitos buracos da finança pública.

Cantaram, dançaram e ainda por cima comeram os figos os quais ao Zé, só a boca lhe rebentaram.

ZÉ NINGUÉM

RANCHO FOLCLÓRICO INFANTIL DE LOULÉ

(continuação da pág. 1)

go imediato actuam no Parragil nas Festas da Senhora da Hora.

Nesta sua preliminar digressão, o Rancho Infantil de Loulé, amealha sem reservas estrondosos aplausos e demonstrações de muito agrado e satisfação dos espectadores daquelas localidades.

É que os miúdos de Loulé comportaram-se à altura, e aliado à afinação sempre exteriorizada, a cada evolução desenhada, dão mostras de natural viveza e inextinguível graça.

Depois desta exibição se pode dizer introdutória, nova saída foi realizada. Desta feita para Odeixe (entre Portimão e Lagos) no passado dia 4, o que representou outra edição de exultante acolhimento.

Como acompanhantes, no acórdão têm actuado o sr. Fernando Correia Soares, ensaíador e o sr. Manuel Paninha. Todavia, um juvenil acompanhamento está prestes a dominar as entradas e saídas dos figurantes, pelo que dentro em breve o Rancho Infantil de Loulé contará com acordeonista congénere.

São já abundantes as manifestações incentivadoras que este juvenil Rancho de Loulé está averbando, fazendo jus à expectativa que o precedera.

Tudo portanto se conjuga para que o Rancho Infantil de Loulé prossiga no caminho da nomeada, sem quebrantos e animosamente, já que valor e simpatia tem de sobra.

Por todas as razões aqui aludidas não só o Rancho Infantil de Loulé é credor de merecidos encômios, posto que terão de ser extensivos ao seu incansável ensaíador que muito do seu saber e esforço lhe tem devotado.

Por esta iniciativa, de êxito assegurado, rejubila Loulé que vê os seus juvenis «embaixadores» ascenderem ao galarim das evidências algarvias.

39.ª VOLTA A PORTUGAL EM BICICLETA

— José Madeira (Campinense) obteve um brilhante 9.º lugar

(continuação da pág. 1)

em épocas que já se vão perdendo nos tempos, muito contribuiu para o prestígio de Loulé e para o progresso da modalidade, tendo até pontificado extraordinários ciclistas como Joaquim Apolo, Mealha, Cristina, Tenazinha, Valério Chocolateira e outros que marcaram época nos anais do desporto português. Pois este ano, muito discutivelmente, mas por certo com as suas razões, a direcção do Louletano. Desp. Clube entendeu por bem extinguir a modalidade.

Em contrapartida, surgiu o Campinense que tomou o testemunho, e com alguns carolas (sempre os carolas) à frente, resolveu formar uma secção de ciclismo, na qual seleccionou uma equipa para disputar a Volta a Portugal. Com o patrocínio, já habitual, da fábrica de cerveja Marina, a equipa louletana foi constituída pelos ciclistas José Madeira, Manuel Gonçalves, Joaquim Colaço, Carlos Vitorino, António Beirão e José Afonso.

Numa apreciação global, diremos que não foi uma participação famosa. Se do já veterano mas sempre valoroso José Madeira, o experiente ciclista que foi do Ginásio de Tavira e militou durante muitas épocas na Benfica por quem correu em estradas de França, Espanha, África do Sul e Angola, a expectativa não foi iludida, já dos outros elementos muito mais seria de esperar, excepção feita a Manuel Gonçalves que cumpriu, e muito bem, o seu papel acabando a Volta num 37.º lugar bastante honroso.

José Afonso, infeliz, foi vítima de uma queda bastante grave logo no Prólogo de Espinho, o que o diminuiu claramente no aspecto físico, sendo no entanto de realçar que foi um corredor que não desistiu apesar dos sofrimentos, vindo a ser eliminado na 7.ª etapa, precisamente aquela em que, lá na frente, José Madeira chegava à meta em 2.º lugar, isolado do pelotão com o sangalense Flávio Henriques que viria a vencer a etapa.

António Beirão, constituiu uma desilusão ao ser eliminado logo à 4.ª etapa entre Chaves e Bragança, não confirmando a boa época que vinha fazendo e até, a excelente Volta do ano transacto quando corria pelo Louletano.

Carlos Vitorino desistiu na 6.ª etapa entre Guarda e Viseu, não correspondendo também às esperanças que os adeptos campinenses nele depositavam.

Joaquim Colaço deve ter dado tudo quanto tinha para dar, até que foi eliminado na etapa n.º 11 para as Penhas da Saúde, na Serra da Estrela, tendo a equipa do Campinense aqui deixado de figurar na classificação colectiva, tendo apenas em prova os já referidos Manuel Gonçalves e José Madeira, que aliás chegaram a Lisboa.

Manuel Gonçalves, que começou por fazer um bom contra-relógio no Prólogo de Espinho (14.º lugar), teve um colapso na etapa para Chaves baixando à 44.ª posição, mas mantendo a partir daí uma regularidade impressionante, subindo alguns lugares e acabando até por ser um dos seis fugitivos que demandaram isolados a meta em Fátima. Mostrando-se um trepador de valor médio (foi 27.º nas Penhas da Saúde e 29.º no Montejunto), acabou por se classificar no contra-relógio derradeiro precisamente no lugar que ocupou na classificação final da Volta: 37.º!

TÁXI VENDE-SE

Datsun 2200-D em estado novo, com direito à praça, em Silves. Trata pelo Telef. 42327 — Silves, das 12 às 14 h. ou resposta a I. R. Apartado 48 — SILVES.

Falemos agora de José Madeira, esse brioso ciclista, natural de Alture, nos arredores de Tavira. Ele confirmou nesta Volta que continua um grande entre os maiores da velodromia nacional. Diríamos mais. Não fora o colapso de Viseu, e José Madeira teria ficado entre os cinco primeiros. Muito experiente, bom roador e trepador nato (não nos esqueçamos de que já foi Campeão Nacional de Rampa), José Madeira é um exemplo de humildade e espírito de sacrifício para muitos ciclistas jovens que apresentam um valor aproveitável, mas não possuem o estofa que define o verdadeiro ciclista: o saber sofrer em cima da máquina.

Tivemos o grato prazer de privar com José Madeira durante a Volta do ano transacto, e ele revelou-se-nos, quer como atleta, mas muito especialmente como Homem, uma pessoa digna dos maiores elogios e considerações.

José Madeira fez uma prova que primou pela regularidade. A subir, ele foi 16.º nas Penhas e 10.º no Montejunto. No contra-relógio individual foi 21.º em Espinho (apenas 3,6 km) e 13.º em Lisboa (25 km).

Foi 5.º em Chaves, sendo um dos dezasseis homens da frente, e o único do Campinense que integrou aquele grupo que formou a partir daí uma corrida de primeiros na Volta a Portugal.

Tornou a ser 5.º na difícil etapa de Sangalhos para Seia. Finalmente, na 8.ª etapa, que ligou Oliveira de Frades à Mealhada, fez uma fuga com Flávio Henriques do Sangalhos que lhe viria a ganhar após o homem do Campinense ter puxado e imposto o andamento durante praticamente toda a escapada até ao risco final no circuito da Mealhada.

Por tudo quanto fez, José Madeira mostrou-se, não só como o único homem do Campinense capaz disso, como um merecedor justo de uma vitória em etapa, vitória essa que acabou afinal por escapar-lhe.

Colectivamente, a presença do Campinense foi fraca. Não inscreveu o seu nome na lista dos vencedores de etapas nem por uma única vez, e acabou por não chegar ao fim com o mínimo de três homens a contar para a classificação colectiva. Note-se porém que há sempre por menores que escapam ao espectador comum, e neste caso ao louletano amante do ciclismo que sempre gosta de ver brilhar as cores da sua terra, mas muitas vezes esquece as condições e os sacrifícios que isso exige e para os quais não estão criadas ainda as infraestruturas necessárias. Em todo o caso, não há que parar. A Volta de 1977 morreu. Há que pensar na Volta de 1978!

JOSÉ MANUEL MENDES

CASAS PRÉ-FABRICADAS VINDAS DA BÉLGICA PARA RETORNADOS

(continuação da pág. 1)

e que se inscrevem no mesmo Programa de auxílio a retornados.

Outras casas pré-fabricadas virão também da Bélgica, nos meses de Setembro e Outubro, todas com destino a cooperativas agro-pecuárias formadas por «retornados».

Aos Emigrantes

A EMPRESA ALGARVIA DE CONSTRUÇÃO CIVIL

FILIPPE MARUM MURTA
& BRITO, LDA.

PROPORCIONA-LHES EXCELENTE OPORTUNIDADES DE AQUISIÇÃO DE PRÉDIOS DE RENDIMENTO, ANDARES (PRONTOS PARA HABITAÇÃO PRÓPRIA) OU TERRENOS EM BONS LOCAIS DE LISBOA.

ACABAMENTOS DE 1.ª E COZINHAS ITALIANAS, A PREÇOS AINDA ACESSÍVEIS.

VISITE-NOS, MESMO NOS FINS DE SEMANA.

ESCRITÓRIOS: RUA AQUILINO RIBEIRO, LOTE, 3 — QUINTA DO MENDES — ODIVELAS.

APARTAMENTOS



Vendem-se com 3 e 4 assoalhadas de luxo. Bloco em construção na Urbanização Expansão Sul, lote B (saída por Faro).

MANUEL RICARDO M. DA SILVA & C.ª LDA. — Construção de edifícios para venda em propriedade horizontal.

Escritório e residência na R. dos Combatentes da Grande Guerra, 56 — Telef. 62449 — LOULÉ.

SIEMENS SURDOS

UM SIMBOLO DE QUALIDADE DE FAMA MUNDIAL

MOURATO REIS

Especialização em Acústica Médica na Alemanha

ATENÇÃO ALGARVE

CONSULTAS no dia 21 DE SETEMBRO nas seguintes cidades, onde o especialista da nossa Casa faz a aplicação de prótese auditiva:

Em PORTIMÃO — na Farmácia Carvalho das 9 h. até às 11 h.

Em LOULÉ — na Farmácia Pinto às 12 h.

Em OLHÃO — na Farmácia Rocha às 15 h.

Em FARO — na Farmácia Almeida das 17 h. até às 19 h.

Escrit. e Laboratórios em Lisboa: Rua da Escola Politécnica (entrada pela Calc. Eng. Miguel Pais, 56-1.º)



Ouvido Secreto

Na dura escalada da austeridade

(continuação da pág. 1)

pendência de critérios opinativos manter bem afinado o senso comum e o sentido exacto das proporções. Em resumo: discorrer e reflectir friamente.

Como ponto de partida podemo-nos mencionar a «grave situação económica do país», posto que esta premissa ninguém a rejeita, sendo até não só unanimemente aceite como avulsa e profusamente expandida.

Será, portanto, além de uma incipiente e fastidiosa constatação uma realidade irrecusável e na medida em que é uma «realidade grave», oferece contrapartidas de solução identicamente melindrosas.

A sociedade contemporânea em que nos integramos, como aliás todas as sociedades do nosso tempo — pois nenhum país se pode furtar às leis históricas e civilizacionais que regem o mundo actual — é caracterizada pelos avanços tecnológico e industrial responsáveis pela instauração das conhecidas sociedades de «produção e consumo» (para não falar nas «sociedades de abundância»).

Decorre assim, que as nações e os estados modernos assentam em bases fulcralmente económicas, assumindo estas tal magnitude que, questão incontroversa, a independência está intimamente ligada à sua estabilidade económico-financeira.

Ora o nosso país, ainda ligado ao bloco das nações subdesenvolvidas — poder-se-á dizer quando muito pertencer ao grupo de países em vias de desenvolvimento — é determinado pelas leis económicas inexoráveis, como qualquer outro e mais ainda, aventamos, devido às condições remanescentes (de subdesenvolvimento) acima aludidas.

É facilmente verificável então que a «produção e consumo», como interligação de lato significado e de enunciado tão simples, tem profundas repercussões nas estruturas económico-sociais de um país e que uma vez, deficitária a balança de pagamento, supervisionada pelo estado e garantida por ele, terá este, com maior ou menor sagacidade de tentar por variadíssimos processos o seu reequilíbrio sob pena das respectivas bancas se declararem insolventes.

O binómio «produção e consumo» é fundamental, e tão meridianamente, que precisamente em relação ao seu desajustamento (o consumo abafa de longe a produção), o nosso governo mesmo, inteiramente compenetrado das responsabilidades e consciente da nocividade das consequências daí advinentes não hesitou, para evitar o «mal pior» o qual teria de saldar-se por imposições mais duras e abruptas antes que a bancarrota compromettesse a independência nacional, recorrer ao «mal menor», às tais anunciadas medidas de austeridade, há pouco salidas.

Ninguém ignora que até na contabilidade doméstica não se deve pagar mais do que se ganha. Pela mesma razão o consumo gira na órbita dependente da produção.

No caso particular que nos toca, o nosso consumo, revigorado com as altas salariais dita a sub-produção, debilitada pelas quebras laborais.

Por isso, forçoso é admitir, o nosso recurso ao estrangeiro para suprir as necessidades decorrentes; por isso o desnível das importações em confronto com a exiguidade das exportações; por isso, também, a iminente rutura da banca para satisfazer os pagamentos ao exterior, só sustida «in extremis» pelas transplantações dos empréstimos internacionais.

Perguntamos, pois, qual seria o governo ante a proximidade de um tenebroso naufrágio que renunciaria a táticas moderadoras e consentâneas com o transe em perspectiva?

Não acreditamos em panaceias miraculosas e fossem quais fossem os estilos partidários dominantes, o país (subentenda-se o povo) não ficaria isento e incólume aos sacrifícios comportados sempre em quaisquer esquemas restritivos de recuperação ou pelo menos de redução dos encargos e gastos.

É certo que em obediência a ideários de diversas índoles e matizes, os estilos de accionamento, as técnicas e os planos forçosamente divergiriam porventura nos objectivos últimos a atingir, mas duvidamos que conseguissem melhor êxito onde normalmente as facções mais representativas, e por tal no pódo do poder, somam reverses de impopula-

ridade e não poucas contrariedades.

Se há disposições legais realmente impopulares, estas, as de austeridade programada, são-no em grau maior, embora à luz da razão se reconheçam imperativas e irrevogáveis.

De qualquer modo pensamos, sem embargo, que face à indistigável urgência de manobras restritivas de um lado (agravamento dos preços dos combustíveis líquidos, aumento da taxa de juro, estabelecimento de câmbios (flutuantes) e não olvidamos, incentivadoras de outro (incremento à poupança), a discussão, mais ainda do que os doutrinários políticos querem fazer acreditar, situa-se na plataforma dos peritos e especialistas.

A estes incumbe, dentre a gama de alternativas optadas e instauradas, equacionar estratégias aproveitáveis que menos lesem o povo e lhe mitigue o fardo pesado que lhe desaba sobre os ombros.

Neste ponto, acreditamos que o assunto nada perderá em esgotar por completo as suas minudências, o que equivale a defender o estudo exaustivo, e diálogo, as sondagens opinativas e os contactos a todos os níveis, com visos a sempre passíveis acertos mais adequados a diagnósticos elaborados e às concertadas terapêuticas de crise.

Numa política programática, que usa a lógica como suporte, não é de excluir qualquer cordial (não analgésico) que sirva de lenitivo ao travo amargo do remédio.

J. C. VIEGAS

QUARTETO «LAURUS-EST»

Durante os três dias que duraram as Festas de Verão houve oportunidade de apreciar por diversas vezes a gravação de uma canção especialmente composta e interpretada pelo quarteto louletano Laurus-Est, a que se deu significativamente o nome de «Loulé em Festa», cuja melodia facilmente entra no trautear dos ouvintes, e cuja letra é a seguinte:

«LOULÉ EM FESTA»

Letra: José Boda
Música: António Clarezza
Interpretação: LAURUS-EST

Vem meu amor
A nossa terra, a nossa terra
está em festa
Vem
e traz contigo
os teus amigos
pra cantar nossas canções

Pois é Loulé
Do Carnaval e da S.ª da Piedade
E é também
a nossa terra, a nossa terra
a nossa mãe

O sol de Agosto
Não vira a cara e nunca diz que não
Beija com gosto
A malta junta
Nestas Festas de Verão

Vem os moços
Abraçados, agarrados em suas conquistas

Falam francês
Falam inglês
Misturam-se com os turistas

Em toda a alegria
Enchem-se as placas e pisam-se os canteiros

Matam-se as flores
Renascem os amores
São assim os caceteiros.

DESPONTADORAS

— teias —

CASA CHAVES CAMINHA

Av. Rio de Janeiro, 19-B

Lisboa — Tele. 725163

QUATRO ESTRADAS GANHA TRISTE NOTORIEDADE

(continuação da pág. 1)

aludida e frequentemente posta em foco.

Todos os que conduzem estão mais ou menos familiarizados com determinados locais da estrada tidos por perigosos. Uns são assinalados, outros apenas confiados à perícia do utente. Sabe-se bem qual a triste fama que antecede as placas de sinalização de advertência colocadas em zonas propícias a desastres rodoviários...

Entretanto, há distinções a fazer até mesmo relativamente a esses locais perigosos não só em função da sua disposição viária como em relação à intensidade do tráfego.

Aqui bem perto de Loulé, há um cruzamento, as Quatro Estradas, como é conhecida, que porfia em atrair sombria notoriedade. É dos tais pontos perigosos que no respeitante a sinalização está bem fornecido, mas que por si só não basta, nem chega, para as decorréncias preocupantes.

Além de ser excepcionalmente concorrido por toda a casta de veículos verificam-se ali espectaculares engarrafamentos.

Pois, não obstante, os ostensivos sinais de «stop», que reservam à autoestrada de Faro a prioridade de passagem, não há muito, um carro que descurou talvez por impaciência ou precipitação (quem sabe?) esse preceito elementar foi positivamente cilindrado por um camião.

Perdeu, à excepção de uma jovem, assim a vida, ingloriamente uma família inteira. Da ocorrência tomou conta a brigada de trânsito da GNR de Faro.

Este local perigoso e intensamente trafegado está a cobrar juros demasiadamente elevados. Toda a gente o constata e comenta.

Torna-se ingente medidas disciplinadoras mais persuasivas e eficientes, acrescentamos nós.

Já aqui, nestas colunas, numa das últimas edições deste jornal, tecemos reparos acerca da falta de sinais neste nevrálgico nó de convergências.

Iremos agora mais longe. Não só propugnamos a colocação provisória de sinais, nas horas de maior movimentação, como a implantação definitiva de semáforos que permanentemente os substituam na devida oportunidade.

É indubitável que a sua afixação naquele local é de inteira e absoluta necessidade pública a que o superlativo «perigosíssimo» lhe concede, ou deveria, primazia extrema.

Minimizar ou subestimar o risco que representam as Quatro Estradas tal como está, é uma atitude cómoda e passiva mas susceptível de crítica. E o que hoje vagamente se murmura pode amanhã engrassar num colectivo clamor recalcitrante, não destituído de razão, com fundas repercussões nas consciências mais responsáveis.

Elamos que este tipo de disciplinamento, ou por sinais já que se torna desaconselhável a colocação de semáforos em locais fora dos centros urbanos. Não vem cedo, no entanto que qualquer um deles venha, depressa e urgentemente, pois mais vale tarde do que nunca... e já que remediado está para as vidas perdidas que venha o remédio para preservação de outras.

Nesse preciso sentido dirigimo-nos às entidades competentes, que supervisionam estes assuntos, a fim de providenciarem o resguardo do escoamento rodoviário da zona referida, de forma mais conveniente.

C. V.

VENDEM-SE

NO CONCELHO DE LOULÉ:

Courela de regadio, algum sequeiro com arvoredos, casas de habitação e instalações agrícolas no sítio do Vale, freguesia de São Clemente (a 1 Km da Fábrica Marinha), área 3,0270. Grande quantidade de água para rega.

Talhões de terreno, construção urbana, nas Escanchinas, freguesia de Almarcil, junto à Estrada do Vale Lobo.

Courela de barrocal com ailarbeiras e amendoeiras, na freguesia de Boliqueime.

Trata: António Chagas (advogado), Telef.: 22187 e 22121 — CASTRO VERDE e 62542 — LOULÉ.

LEGISLAÇÃO SOBRE A LEI DOS SOLOS

Recebemos por amável deferência que nos cabe agradecer, do Ministério da Habitação, Urbanismo e Construção, o 1.º caderno pertencente à «Seleção Documental», que, segundo se enuncia, dá início à divulgação de diplomas legais fundamentais no domínio da habitação, urbanismo e construção, de interesse do grande público.

Como o cidadão actual não pode alegar ignorância das leis que o regem e directamente lhe dizem respeito, tem aqui nestas edições, a

mão, para consulta, legislação dispersa de outro modo difícil de compilar.

Este primeiro caderno trata da «Lei dos Solos» estando próxima a saída do 2.º caderno que versa o «licenciamento de obras».

O texto destas publicações são acompanhadas de remissões e anotações que facilitam a localização dos assuntos em busca, sendo estas edições que facilitam a localização dos leitores afastados dos grandes centros urbanos.

«GRALHAS» A REVELAR NO ARTIGO «A UNIVERSIDADE DO ALGARVE»

No artigo intitulado «A Universidade do Algarve», da autoria de J. C. Viegas, saído na edição deste jornal de 1-9-77, verificaram-se duas «gralhas» que brigam com o sentido expresso, dado na oportunidade ao escrito.

Assim, onde logo no início se lê «impõe» deve ler-se «supõe», pelo que o trecho original se exprime assim:

«Segundo fidedignas referências a criação da Universidade do Algarve está dependente do prosseguimento da sua discussão a nível da 2.ª Legislatura, que se supõe irá esgotar a problemática, a ela subjacente como também dará satisfação, a con-

tento e de vez, a um imemorial desiderato algarvio».

E logo mais adiante, no último parágrafo, para completar o «dueto» (não há duas sem uma) inseriu-se o termo «interim» quando deveria ter-se escrito «interim».

Em face ao exposto o respectivo texto expressa-se assim:

«É natural que neste interim, se redobrem portanto as atenções e as preocupações dos eleitores e das populações, e se refaçam antigos mas não vacilantes empenhos».

Das «gralhas» involuntariamente cometidas pedimos aos nossos leitores as devidas desculpas e a melhor compreensão.



Os acidentes na cidade não afectam só a chapa do seu carro!...

Todos estamos de acordo: antes de entrar na estrada ou na autoestrada, afivelar o cinto de segurança é um reflexo que pode salvar a vida.

Mas você circula na cidade todos os dias, e sente-se possuído de uma maior segurança.

Você só se lembra da chapa amachucada como consequência dos pequenos choques na cidade, e esquece-se de pôr o cinto.

É uma falsa segurança.

Num choque a 50 km/h, o condutor e passageiros são projectados para a frente, por forças que representam mais de 30 vezes o seu próprio peso.

O crânio, e mais precisamente a face, os olhos e os dentes são os mais expostos neste tipo de acidentes.

Um veículo que não o vê, um cruzamento abordado sem precaução, uma travagem brusca; tantas outras circunstâncias imprevisíveis que estão na origem destes pequenos choques, terríveis nas consequências, que ficam na memória por muito tempo.

Ponha o cinto de segurança e o encosto de cabeça mesmo quando conduzir na cidade.

Use sempre o cinto de segurança!

CAMPANHA DE SEGURANÇA RODOVIÁRIA

Assembleias Gerais das firmas Domingos Lóia & Filhos, Lda. e Transportes de Carga Louletana, Lda.

Acta da reunião conjunta das Assembleias Gerais das sociedades comerciais por quotas de responsabilidade limitada, com sede, respectivamente em Silves e nesta vila de Loulé, «Domingos Lóia & Filhos, Limitada» e «Transportes de Carga Louletana, Limitada».

No dia vinte de Agosto de mil novecentos e setenta e sete, na sede da sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada «Transportes de Carga Louletana, Limitada», no Largo Tenente Cabeçadas, número noventa e sete, desta vila e freguesia de S. Clemente, perante mim, Licenciado Nuno António da Rosa Pereira da Silva, notário do Primeiro Cartório da Secretaria Notarial de Loulé, compareceram:

Antonio de Sousa Chumbinho, natural da freguesia de São Sebastião, concelho de Loulé;

José Teixeira Coelho, natural da freguesia de São Clemente, deste concelho;

Manuel da Piedade, natural da mencionada freguesia de São Sebastião; — todos casados e residentes nesta vila.

Os comparecentes declararam:

Que são simultaneamente os únicos sócios e gerentes das sociedades comerciais por quotas de responsabilidade limitada «Domingos Lóia & Filhos, Limitada», com sede na cidade de Silves, constituída por escritura lavrada no ano de mil novecentos e sessenta e oito, de folhas sessenta e oito, verso, a setenta, do livro número vinte e sete-B, de notas para escrituras diversas, do Cartório Notarial de Silves, com o capital social inteiramente realizado de um milhão de escudos, no qual cada um deles possui uma quota desonerada do valor nominal, respectivamente, de trezentos e trinta e três mil duzentos e cinquenta escudos, trezentos e trinta e três mil e quinhentos escudos, adquiridas por escritura de oito de Julho de mil novecentos e setenta, lavrada a folhas setenta e seis, verso, do livro número quarenta e quatro-A, de notas para escrituras diversas, do Cartório Notarial de Silves, na qual se procedeu também à alteração do pacto desta sociedade; — e «Transportes de Carga Louletana, Limitada», com sede nesta casa, constituída por escritura de nove de Novembro de mil novecentos e cinquenta e quatro, lavrada a folhas noventa e sete, verso, do livro número cento e quarenta e oito, de notas para escrituras de valor indeterminado ou superior a mil escudos, excepto partilhas, da antiga Secção desta Secretaria Notarial, actual Primeiro Cartório, posteriormente alterada por diversas escrituras, outorgadas no mesmo Cartório, com o capital social inteiramente realizado, de noventa mil escudos, no qual cada um dos sócios possui uma quota desonerada, do valor nominal de trinta mil escudos;

Que atendendo a que o objecto de ambas as sociedades consiste no exercício da indústria de transportes em viaturas automóveis pesadas para carga e que eles comparecentes são os únicos sócios e gerentes de ambas, tais factos acarretam uma duplicação de escrita comercial, de licenças e de encargos, que torna desvantajoso manter, havendo toda a conveniência em incorporar a sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada «Domingos Lóia & Filhos, Limitada», na «Transportes de Carga Louletana, Limitada», por ser a que tem a sua sede nesta vila de Loulé, aonde os sócios de ambas têm a sua residência habitual, por tecnicamente a mais bem apetrechada e onde se encontra centralizada a escrituração de ambas as empresas.

Que se encontram reunidos em Assembleia Geral extraordinária para deliberar sobre a fusão de ambas as sociedades, por incorporação, como se acaba de expôr e que representam a totalidade do capital social de ambas elas, tendo nomeado por unanimidade o sócio António de Sousa Chumbinho, para proceder aos trabalhos da Assembleia.

Nesta altura o aludido presidente leu o aviso convocatório e pediu à Assembleia que se pronunciasse afirmativamente ou negativamente pela incorporação da «Domingos Lóia & Filhos, Limitada», na «Transportes de Carga Louletana, Limitada», nos termos expostos e consta da ordem de trabalhos, da Assembleia.

Por todos os presentes foi deliberado por unanimidade incorporar a sociedade comercial por quotas «Domingos

Lóia & Filhos, Limitada», que deixa de ter existência jurídica, na «Transportes de Carga Louletana, Limitada», que fica com um capital de um milhão noventa mil escudos, continuando a gerência a pertencer a todos eles.

Que a outorga da escritura deverá ser efectuada por todos eles, que poderão então se o entenderem alterar total ou parcialmente o pacto da «Transportadora de Carga Louletana», e aumentar ainda o capital social desta, com novas quotas por eles subscritas.

Nada mais foi deliberado encerrando-se a reunião, às onze horas e trinta minutos, tendo-se dado início aos trabalhos pelas onze horas.

Verifiquei a identidade dos comparecentes, a qualidade que se arrogam e a suficiência dos poderes para este acto, por conhecimento pessoal.

Foram testemunhas Manuel Barros das Neves, casado, residente nesta vila de Loulé, e Eduardo Segundo Silvestre Guerreiro, solteiro, maior, também residente nesta vila.

Foi este instrumento lido aos sócios das referidas sociedades e feita a explicação do seu conteúdo, em voz alta, na presença simultânea de todos os intervenientes.

LOULÉ



AGRADECIMENTO

FILIPPE PEDRO PEREIRA

Sua família, desejando evitar qualquer falta involuntária, por desconhecimento de moradas e ilegitimidade de assinaturas de todas as pessoas que, de qualquer forma compartilharam da sua dor, vem tornar público o seu agradecimento a quantos se interessaram pelo estado de saúde do saudoso extinto durante a doença que o vitimou e bem assim a todos aqueles que o acompanharam à sua última morada.

Para todos, o penhor da nossa gratidão.

VENDE-SE Táxi

Mercedes 190, em bom estado, com direito à praça de Loulé. Contactar telef. 62434 — LOULÉ.

(3-3)

MARCENARIA PINTASSILGO

Execução de serviços de marcenaria e carpintaria.

Rua da Mina — LOULÉ.

MOURABEL — Sociedade de Exploração Turística e Hoteleira, Lda.

Certifico que, por escritura de 26 de Maio de 1977, lavrada de fl. 9 v.º a fl. 11 do livro de notas n.º 602-D do Cartório Notarial de Oeiras, foi constituída a sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada denominada Mourabel — Sociedade de Exploração Turística e Hoteleira, Lda., da qual são sócios Amadeu Baptista da Silva, Joaquim Baptista da Silva e Henrique Manuel Ventura Rodrigues, nos termos constantes dos artigos seguintes:

ARTIGO 1.º — A sociedade adopta a denominação de Mourabel — Sociedade de Exploração Turística e Hoteleira, Lda., tem a sua sede em Vilamoura, freguesia da Quarteira, concelho de Loulé, conta de hoje o seu início e duração por tempo indeterminado.

ARTIGO 2.º — O objecto social é a exploração turística e hoteleira, podendo, no entanto, a sociedade explorar qualquer outra actividade comercial ou industrial em que os sócios acordem e seja legal.

ARTIGO 3.º — O capital social é de 300 000\$, está integralmente realizado, em dinheiro, e corresponde à soma das quotas dos sócios, que são de 100 000\$ cada uma.

ARTIGO 4.º — As cessões de quotas são livremente permitidas entre sócios, mas carecem da autorização dos outros sócios, quando feitas a estranhos.

ARTIGO 5.º — A gerência, dispensada de caução e com ou sem remuneração, conforme deliberação da assembleia geral, fica a cargo dos sócios Amadeu Baptista da Silva e Joaquim Baptista da Silva Costa, que ficam desde já nomeados gerentes, sendo sempre necessária a intervenção de ambos ou de seus procuradores para obrigar a sociedade em todos os seus actos e contratos e para a representar em juízo e fora dele, activa e passivamente, excepto em actos de mero expediente ou de levantamentos bancários até 10 000\$, em que é suficiente a intervenção de um só.

§ 1.º — Qualquer dos gerentes poderá delegar, por meio de procuração, mesmo em pessoa estranha à sociedade, a totalidade ou parte dos seus poderes, podendo a própria sociedade constituir também mandatários para os fins previstos no artigo 256.º do Código Comercial e para quaisquer outros fins.

§ 2.º — Os gerentes e seus procuradores não poderão obrigar a sociedade em actos e contratos alheios aos negócios sociais, tais como fianças, subfianças, letras de favor e outros semelhantes.

ARTIGO 6.º — Quando a lei não exigir outras formalidades, as reuniões da assembleia geral serão convocadas por meio de cartas registadas, dirigidas aos sócios com oito dias, pelo menos, de antecedência.

Está conforme o original, no qual nada há em contrário ou além do que se narra ou transcreve.

Cartório Notarial de Oeiras, 31 de Maio de 1977.

O Ajudante,
João José Sales Gomes

VENDE-SE

Propriedade rústica, a 8 Km da vila, junto à estrada Loulé-Boliqueime, com amendoeiras e alfarrobeiras.

Escrever ao Apartado 36 — FARO.

VENDE-SE CASA

Com rés-do-chão e 1.º andar na Av. José da Costa Mealha, 123 — LOULÉ.

Nesta redacção se informa.

Trespasa-se

Loja de móveis em Quarteira, por detrás do Café Flamingo, Rua 2 à Av. Infante de Sagres (junto à Praia) Lote 1, Loja B.

REPRESENTANTE COMISSIONISTA

PRECISA-SE para o Algarve.

RAMO: Enxovais, Malhas, Artigos bebé e diversos. Dá-se preferência a quem se identifique com o ramo. Resposta ao n.º 35.

(5-1)

Torne mais acolhedor o seu lar

COMPRANDO NA

CASA SIMÃO

as mobílias que mais goste ou os móveis avulso que mais se harmonizem no ambiente da sua casa

Para DECORAÇÕES — ESTOFOS — COLCHOARIA VISITE A

CASA SIMÃO

A MOBILADORA

ANTÓNIO SIMÃO VIEGAS, LDA.

Praça da República, 8 — Telefone 62110 PPC
Filial: 34, Avenida Marçal Pacheco, 49 a 51

LOULÉ

COMO EU VI O MEU ALGARVE

(continuação da pág. 1)
completamente, da lama putrefacta com que a vida cidadã suja o corpo e o espírito.

As férias chegaram. Despedi-me do pessoal do escritório, do chefe da Repartição e até da mulher da limpeza, e, alegremente parti para a minha casinha na «serra» do Algarve. Não sei se sabia que os meus maiores eram «serrenhos».

Não usei o comboio como antigamente. Aproveitei as luxuosas e mais baratas camionetas dos Capristanos — 300\$00 o bilhete, passe o anúncio — e após me deliciar com um lanchinho incluído na passagem, servido por uma hospedeira jeitosa, cheguei finalmente ao meu destino, ao meu querido Algarve.

Oito dias descansei em plena «serra» escalvada onde o serrenho, que não emigrou para o estrangeiro, para a cintura industrial ou para mais perto, para a constituição civil, ou hotelaria do litoral, ainda «arranha» a pouca terra que por lá há. «Empobrecendo alegremente» à espera que os anos se esgotem e os sobreiros (?) simples árvores dispersas que possuem ao longo dos barrancos das suas courelas, produzam a cortiça que em tempos, não muito longínquos, tanto pesava na formação do produto nacional bruto e para o equilíbrio da balança dos pagamentos.

Foram dias tonificantes.

Depressa passaram preenchidos em amenas e amigas conversas com velhas amizades, em leituras aliciantes e, principalmente, em longos passeios por veredas de «pé posto» e em «carreteiras» que me levaram aos mais recônditos cantos da freguesia e me recordaram cada um e todos a minha já passada juventude.

Já descansado e desintoxicado senti então e naturalmente necessidade de ver gente, de me misturar com a multidão alegre e viva e iniciei uma rápida visita a algumas praias algarvias onde há muitos anos não ia por falta de cabedal e até ultimamente por que me sentia mais seguro na «serra» e ao pé da minha cadeira...

Acredite, meu Amigo, que se por um lado me alegrei ao deambular pelas nossas praias e ao verificar como corriam divisas, que tanta falta fazem ao País para não entrar na prometida e até esperada «banca rota» (cruzes canhoto), pelos balcões dos cafés, restaurantes, botiques, vendas, pensões, hotéis, mercado, feiras, etc., etc., vindas das mãos dos estrangeiros veraneantes, ricos, pobres, remediados, todos cá deixam alguma coisa, senti, por outro lado, grandes saudades do Algarve da minha juventude onde as praias eram só mansas e de alguns, raros, ingleses, que por cá viviam ou nos visitavam seduzidos pelo clima ou interessados em aumentar o poder de compra das suas reformas que pagas em libras e em Portugal, lhes permitiam, aqui, vida muito mais folgada e estilizada que na sua tão querida Albion.

E a saudade que senti por esse Algarve que já não volta e cuja memória se vai perdendo naqueles que o conheceram, não foi provocada por saudosismos egoístas ou por causas puramente sentimentais, mas sim pelo que vi de porcaria, agora chama-se poluição, ao longo de todas as praias que visitei e onde sem o querer, por falta de infra-estruturas, também ajudei a desenvolver...

O Algarve é belo, as praias multiplicam-se ao longo de toda a costa, sempre diferentes, sempre atraentes, de areias finas (e algumas ainda limpas), o sol é quente e a água transparente e com temperatura amena. Ora este conjunto de qualidades impares no País e raras na Europa, desencadearam um afluxo turístico de tal forma intenso que, como sabe, encheu o Algarve até à plétora de veraneantes que se derramaram com maior incidência pelas praias e povoações costeiras. Não há quartos vagos, não há restaurantes que cheguem, os abastecimentos esgotam-se e... a porcaria paralelamente avança agigantadamente.

É o natural resultado de um turismo pouco planificado. É o resultado das improvisações acumuladas desde o tempo da outra senhora e não só... É ou poderá vir a ser a morte do turismo estrangeiro, o que verdadeiramente dá as patacas, pois este além de praias lindas, de areias finas e águas tépidas, ambiciona fugir à poluição que se desenvolveu nos seus países de origem, super-industrializados e onde durante todo o ano se intoxicam em atmosferas carregadas de poluentes (vulgo porcaria) sólidos, líquidos, gasosos e sonoros. Querem e exigem, porque pagam, ar puro e praias limpas.

Pois é!! ou antes, pois não devia ser...

O que vi e muito me entristeceu na peregrinação que realizei a algumas das praias do Algarve, às mais concorridas, como simples turista, foi observar um dos resultados, talvez o mais nefasto, da tal improvisação acumulada e que nos últimos anos se desenvolveu muitíssimo: lixo, muito lixo.

Antes de avançar quero desde já esclarecer que verifiquei que muitas Câmaras Municipais não esqueceram o problema, nem o ignoraram nem deliberadamente o evitaram. São na maioria das vezes impotentes para debelarem o aumento sazonal dos detritos.

Mas regressemos ao assunto desta minha carta.

Não citarei as praias que visitei. Não quero melindres até por que de todas elas eu gosto. Verifiquei uma ausência notória de infra-estruturas de apoio aos veraneantes e com evidência aos veraneantes-banhistas. Nas praias os balneares ou são exigidos ou primam pela ausência. A limpeza das praias não é esmerada e os restos das merendas dominicais acumulam-se em «montes» mal cheirosos e cheios de moscas vergonhosamente escondidos por detrás das barracas ou encafuam-se nas grutas perturbando as belezas multifacetadas que a Natureza nos oferece. Agridem-nos os olhos e a pituitária e até a saúde.

Em relação aos campistas o problema toma foros de extrema gravidade.

O turismo em «camping» desenvolveu-se extraordinariamente. Para muitos trata-se de uma verdadeira «chaga social», para outros a única via que sabem existir para que determinado extracto populacional possa auferir o descanso que precisa e tem direito.

As barracas, algumas sumptuosas, que nos sugere não serem somente os remediados que escolhem esta forma de fazer turismo, estão nos últimos anos a inundar o litoral algarvio.

Os poucos parques de campismo:

Monte Gordo, Quarteira, Ilha de Faro, Ferragudo, Lagos, etc., abarrotam-se em plétora no verão. As barracas amontoam-se, a intimidade é violada, a promiscuidade surge aqui e acolá, e os serviços de apoio, principalmente os do sector higiénico saturam-se. É ver os sanitários atestados de utentes apressados e não só... a ponta dos campistas se verem obrigados a utilizar os abrigos mais estrategicamente colocados em redor do parque situados evidentemente em terra alheia, para finalizarem o respectivo ciclo alimentar diário e, como é natural, aumentarem forçosamente a poluição local.

Mas indaga a minha curiosidade: o que fazer a tanto turista de barraca que se precipita anualmente sobre a nossa província onde acampa por todo o lado, indelicadamente, já que os parques de campismo são insuficientes, conspurcando o local por onde passam e estacionam, não infra-estruturado, para os receber?

O problema, de momento já de certa gravidade, pode vir a complicar-se. Não falo dos problemas higiénicos resultantes da poluição que o turista desenvolve por ser evidente a todos nós. Mas chamo a atenção para os atritos que sempre surgem entre o campista abusador que viola com a sua presença a intimidade do autoctone. Ele invade diplomáticamente os nossos quintais, as nossas courelas, as nossas propriedades. Invade de início com cautela e até com civismo que rapidamente, à medida que o número aumenta, esquece completamente. E, de um momento para o outro, o local que escolheu fica completamente devassado sem que o proprietário e as autoridades sejam capazes de solucionar a situação criada. E o pior é que iniciada a lide hospitaleira no ano seguinte só com arame farpado é possível (?) conter a avalanche... Eles passam a palavra...

Não. Não sou contra os campistas. Também pratiquei a modalidade quando adolescente. Sei as vantagens que advém de tal prática e sei ainda, como já afirmei, que os «remediados» de Portugal não têm obviamente posses, e cada vez as terão menos, para utilizar outro meio para dar saúde aos seus filhos e descansar do trabalho que durante o ano os estiolou.

O que pretendo com esta carta que lhe dirijo Piedade Barros é, por intermédio do seu jornal, lançar um alerta muito concreto à Administração e ao Governo para que, com urgência, organizem ou deixem a iniciativa privada organizar, estimulando-a se necessário, a instalação ao longo de todo o Algarve de parques de campismo.

Dizem-me que as praias do Algarve estão quase de «lotação esgotada» nos meses de Verão nomeadamente as de sotavento. Pois então que o campismo seja levado a procurar a «serra» também plena de beleza e de atractivos sem par. Que se instalem parques de campismo perto das barragens do Odeixe e de Silves e ao longo do tão belo e esquecido rio Guadiana, que se aproveitem bosquetes de eucaliptos ou pinhais de Monchique ou sobreiros do Barranco do Velho, para se instalarem parques bem dimensionados, bem equipados onde as piscinas serão infra-estruturas imprescindíveis. Que se espera?

Que o algarvio comece a hostilizar quem férias e descanso merece, que tanto direito tem, como os outros, os «hotelistas», de beneficiar das belezas das nossas terras?

E não nos esqueçamos um ponto muito importante. Os campistas também cá deixam dinheiro, e muito, e os estrangeiros as tais divisas que necessitamos para sobreviver no contexto internacional.

Deixo este grito de alerta com a certeza que se se não pegar corajosamente neste problema, que problema é e muito importante pelas conotações sociais, cívicas, morais, económicas e até políticas, o futuro o empolará até limites não previsíveis mas necessariamente de muita gravidade social.

Até breve e sempre seu amigo

ANSELMO DO Ó

«Serra» do Algarve, 21-8-77.

P R O V Á V E L VINDA AO ALGARVE

DO PRESIDENTE DA REPÚBLICA E DO PRIMEIRO MINISTRO AO ENCERRAMENTO DO FESTIVAL NACIONAL DE FOLCLORE

(continuação da pág. 1)
colares convites que se espera serão aceites se outros compromissos não o impedirem.

Como este jornal já amplamente o divulgou o encerramento do «I Festival Nacional de Folclore» promete uma apoteose final que congregará o desfile e exibição de 24 ranchos folclóricos, dos quais 21 do continente, 2 dos Açores e 1 da Madeira.

A presença dos dois mais altos magistrados da Nação,

conferirá ao acontecimento, no caso confirmativo, a maior distinção.

Como é natural as gentes algarvias rejubilam, e em especial as gentes louletanas, pois Vilamoura pertence à área concelhia de Loulé, com o significado desta visita em perspectiva, a qual traduzirá um gesto de apreço e estima pela região algarvia.

APROVEITAMENTO

DE GRUTAS NO ALGARVE PARA FINS TURÍSTICOS

A Associação Portuguesa de Investigação Espeleológica procede, a solicitação da Comissão Regional de Turismo do Algarve, aos estudos preliminares das condições naturais das grutas de Ibo Amar, existentes junto ao Rio Arade, na Mexilhoeira da Carregação, no concelho de Lagoa, com vista ao seu possível aproveitamento para fins turísticos.

TERRENO VENDE-SE

Com 31x30 m. Total ou parcialmente, situado na Rua Quinta de Betunes — LOULÉ.
Tratar com José João Valério Esteves — Telefones: 62292, 62041 e 62054.

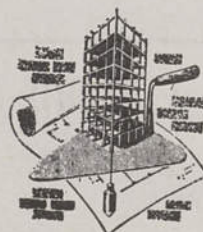
PENSÃO RESIDENCIAL AVENIDA

TRESPASSA-SE

Com 20 quartos, situada na Rua da Carreira, n.º 1 Loulé (no melhor local da Vila).

Informa no próprio local ou pelo telefone 62052 — LOULÉ.

(8-4)



APARTAMENTOS

Vendem-se com 2, 3, 4 e 5 assoalhadas de luxo, em S. Brás de Alportel, Loulé e Quarteira.

AMÂNDIO & CAVACO.

Av. da Liberdade — Telefones 42387/42433 — S. BRÁS DE ALPORTEL.



Armelim Contreiras & Gonçalves, Lda.

STAND DE AUTOMÓVEIS
Compra, Vende e Troca Automóveis
novos e usados

Resid.: Rua dos Combatentes da
G. Guerra, N.º 14-1.º.º.º.
Telef. 62919
Stand: Rua Diogo Lobo Pereira

(Largo do Chafariz)
Campina de Cima
LOULÉ

QUOTIDIANOS

a crónica de
JOSÉ MANUEL MENDES

«VIAJAR NA RODO-AVIÁRIO NACIONAL

— O HEROÍSMO DE NÃO TER CARRO!...

A noite esteve linda. Cálida e fervente, escoando o calor pelos ponteiros da madrugada, sempre descendo, sempre inclinada até ao amanhecer, quando o dia retoma o testemunho e galga pelo combóio da temperatura até ao apito do meio-dia.

As pessoas necessitavam tremendamente de rua. Janelas abertas, os mosquitos entrando, ziguezagueando e picando com requintes de malvadez, as calçadas regorgitavam de vida, olhos volvidos na lua logo virados em quem passa, devagar, mirando as montras, descobrindo as novidades.

Na Rua das Lojas, a malta do Anarco-Entulho fazia serenata. Os mirones que vinham de cima para o Lar de S. Francisco paravam um minuto, apreciavam, a maestria do Aristides, o bandolim do Clarezza, o ritmo do Bota, o resto da malta em coro meio desafinado, uns em Si outros em Lá, e ao voltarem demoravam agora mais, já feitos conhecidos, mais familiares, o olhar amortecido, o ouvido embalado, o amor pelas mãos.

Ah noite esperançosa de planos para a beira-mar. O «amanhã em Quarteira» prometia-nos bastante: iríamos de camioneta, tomava-se a banhoça da ordem, pregavam-se uns chutos na bola, davam-se umas fígadas pelos «borrachinhos», apanhavam-se uns mexilhões ou umas coquilhas na maré-baixa, e estava o dia armado e bem passado.

..... /

Tudo correria certamente assim, se tudo não se tivesse escangalhado logo de princípio.

Ali onde em tempos foi a EVA e hoje existe uma Rodoviária Nacional, parecíamos um bando de franganitos prontos para o abate. Não nos enganámos. Chegada a camioneta, verificámos tratar-se certamente de um veículo ainda inacabado, pois quase não tinha bancos para as pessoas se sentarem. Tinha, sim, uns apêndices pendurados do tecto, para os privilegiados como eu, que têm pelo menos um metro e setenta e quatro de altura, enfiarem os dedos e deste modo poderem pendurar-se ou acotovelar os passageiros circundantes à vontade, sem perder o centro de gravidade.

Podemos mesmo dizer que, para além do incómodo que é fazer uma viagem Loulé-Quarteira de pé em cima de um veículo daquela espécie — o que exige artes de equilíbrio excepcionais para não bater com o crânio nalguma saliência fatal, com os solavancos desconjuntados dos arranques e das travagens, das covas e das curvas que o andamento sádico daquela bestialidade mecânica proporciona — ainda por mais ajuda, o número de franganitos, perdão, passageiros, obedeceu àquela célebre máxima de onde cabe um português cabem dois ou três, o que equivale por dizer, onde cabem trinta cabem sessenta, ou onde cabem quarenta cabem oitenta.

Encavalitados uns sobre os outros, cedo o ambiente começou a aquecer. Tantos pulmões chupando umas nesgas de ar puro que entravam por umas ridículas frestazinhas a que se chamam pomposamente janelas, fizeram estoírar o termómetro.

De lado a lado do horizonte via-se e sentia-se de tudo. Era um fulano que cheirava mal dos sovacos, era um outro que tirava cagaitas do nariz e as depositava num varão, era o bebé de colo que berrava aos sete ventos, e com razão!, era o bebé que começou a vomitar uma substância escarlate, azeda e viscosa pelo queixo abaixo, era a vizinha de trás que em cada travagem assentava com fragor os seus pára-chocs (mamas!) nas minhas costas, era o chauffeur que verificando a teimosia com que as pessoas persistiam em se manter de pé accionava umas brutais travagens quando parava, e fazia as curvas sem dó nem piedade, era o passageiro que queria sair e pedia por socorro porque não conseguia chegar à porta, era...

Moral da história: Rodoviária Nacional ou... Rodo-Aviário Nacional, nacionalizado, nosso! O reinado do frango!

I SEMANA DE ESTUDOS ALGARVIOS

(continuação da pág. 1)

Algarve, edições do Grupo de Estudos Gonçalves, obras de Júlio Dantas, poemas de 10 poetas algarvios, retratos de Júlio Amaro, obras de António Paleri, José Higinio Amado da Cunha, Vieira Cabrita, desenhos

de Cristiano Cerol e fotografias de Afonso Canelas Furtado.

Felicitamos o Grupo de Estudos Algarvios pela iniciativa desta mostra, desejando-lhe profícua continuidade na sua acção, incluindo a divulgação que lhe está adstrita.

SERRANA

Água Púrrissima agora, também, no Algarve.

Integrado nesta Semana, o dr. Antero Nobre, proferiu uma palestra sob rubrica «A actualidade de S. Gonçalo de Lagos», no salão nobre dos Paços do Concelho de Lagos.

O palco dos politiqueiros

Por Luís Pereira



Longe daqui, no infinito palco poético dos letrados, reúnem-se ministros, conselheiros, deputados, embaixadores, jornalistas, militares, e outros componentes relevantes da Alta Sociedade moderna. Discursos, diálogos, entrevistas, acabam sempre nos respectivos jantares de confraternização, onde todos entoam o Hino da Alegria Camuflada e perdem-se na embriaguez constante das sociedades viciadas. Criam-se múltiplas organizações complexas, mas onde predominam os dotes poéticos, e individualmente sobressaem figuras que pela sua flexibilidade, pela graça, pelo sarcasmo e pela ironia com que se dirigem às multidões, umas vezes entoando cantigas de amigo ou de amor, outras vezes cantigas de escárnio ou mal-dizer, adquirem o necessário apoio de interesseiros ou de inconscientes. É esta grandiosa arte politiqueira, que à sombra de falsas doutrinas e de bandeiras coloridas, vão mantendo a sua posição social destacada, através da astúcia, da cortesia. A política constitui a maior afronta às sociedades modernas visto que não aposta na modernização e no progresso, apenas destrói para prevalecer. Com efeito, o palco dos politiceiros não esconde as cenas chocantes, que não passam despercebidos à opinião pública, e que desmascaram com evidência o cenário grosseiro e politiceiro; contudo a arraia-miúda, como lhe chamaria Fernão Lopes, deixa-se ludibriar facilmente, servin-

do de suporte à habilidade e ao maneio solene dos senhores do Paço. Já Eça, no último quartel do séc. XIX criticava ferozmente e de uma maneira bastante realista, a sociedade aristocrata de então, onde a alta burguesia mostrava os seus banquetes luxuosos misturados com a eloquência dos discursos políticos, as suas manifestações de cortesia, e perdia-se na prostituição e na vadiagem, cingindo a sua vida ao círculo vicioso do ambiente citadino, ignorando completamente o ar puro dos campos, a água límpida das nascentes, a fruta das hortas, em suma a liberdade do ser humano.

No entanto, eram eles que sabiam, eram eles que mandavam, eram eles que propunham os altos impostos, eram eles que desbaratavam a economia e faziam do povo, simples e humilde, o servidor exemplar da sociedade fracassada. Era a decadência total...

Também hoje grande camada populacional, que ainda não se libertou do obscurantismo de que temos sido vítimas, não se apercebe das manifestações neo-clássicas dos novos administradores, procurando copiar modelos, namoriscando condessas à boa maneira Balzaciana, bebendo o whisky impuro dos centros putrefactos e desconhecendo totalmente os problemas reais e concretos dos campos, das aldeias, dos bairros. Contudo, quando abrem a boca nos seus saras literários, afirmam com espontaneidade que eles é que sabem, que eles é que têm os livros e a varinha mágica, para governarem este

País de desigualdades e de contradições esquecendo, porém os mais desfavorecidos em benefício dos lugares sagrados dos «intelectuais de fumaça» ou melhor dos «barbas d'acço». Quem alimenta a teimosia? Tu, Zé Povinho! Que pagas impostos, que trabalhas, que fazes austeridade a vida inteira, que não podes ir ao supermercado, que te alimentas com deficiência, que não saís à rua tranquilo. És tu, que alimentas os empréstimos externos, a delapidação do ouro e até por cúmulo subsidias os caçadores de multas, que deveriam, isso sim, caçar os assaltantes dos bancos e não só! A alta sociedade ou a nova burguesia estatal continua a dirigir-se de Mercedes, do Paço ao Casino do Estoril, viaja «by plane» e vai almoçar a Londres, toma o «autobus» e vai a Paris porque tem um «rendez-vous» com Mme. Lefèvre, lá compra as suas modas nos «magazins» mais luxuosos e continua passeando pela Europa, pedindo esmola que nós pagamos diariamente com o nosso esforço e o nosso trabalho. Depois pela televisão o que dizem os governantes? Ó Zé, aperta o cinto!

Eu, na minha aldeia pequenina, esquecida e isolada, compro as minhas coisas com o escudo desvalorizado, mas não me venderei nem por dólares nem por rublos...

Aqui, longe do infinito palco poético, ainda que paguemos a crise que os outros semeiam, respiramos ar puro.

AFINAL TENS UM RECADO IGUAL AO MEU (OU QUASE...)

Caro Luís.

Isto já parece um folhetim, ora agora escrevo eu, ora agora escreves tu, mas o que é certo é que não podia passar sem te mandar mais este postalzinho, pouco turístico, aproveitando o selo aqui do jornal, jornal que aliás bastante necessita do espaço que o assunto lhe ocupa, pelo que vou procurar ser o mais sucinto e claro possível.

Genericamente, o teu recado não difere em nada do meu.

Ponto final nas generalidades, passemos ao seu estudo na especialidade, do que me permito dizer-te que:

1.º — Acho lamentável que tenhas deixado de escrever artigos regionais, que se debruçavam sobre «reivindicações justas e críticas construtivas», apenas porque «determinadas pessoas responsáveis» se sentiram melindradas com os ditos cujos. Mas então, oh Luís, como é? Será que a «mobilização para a construção da paz, do progresso e da justiça social», que tão generosamente te propões levar a cabo, estremece assim tanto com um simples abanar de orelhas de meia dúzia de «responsáveis»? E se aos teus «artigos de carácter mais amplo e nacional» responderem os Soares e Cunhais e etc. etc. etc. com o melindre à flor da pele e o processo judicial nas unhas? Também responderás com o silêncio?

2.º — Não me afirmes contra a inclusão de artigos de opinião política nas páginas de «A Voz de Loulé», mas sim, contra a sua predominância. Continuo, isso sim, a defender a missão regionalista do jornal em causa, que logicamente será a reflexão numa dimensão local de todos os problemas com que se debate o País, e logicamente, das tendências que o influenciam.

3.º — Recuso formal e terminantemente a acusação de ter «estilo requintado, linguagem rebuscada e vocabulário desusado».

Os leitores que emprestam um mínimo de atenção aos meus escritos podem, de boa fé, fazer-me todas as

críticas, mas nunca essas. Não uso nem palavras «benitas» nem «caras» para além do normal utilizado por qualquer escritor, e aqueles que me conhecem bem, sabem como o meu estilo de escrever é espontâneo, nada tendo que ver com o rebuscar, com o dicionário, com a enciclopédia, antes decorre da fluência, da explosão, da imaginação, da sinceridade, até da vivência real à superfície do temperamento e do bico do lápis...

Sobre a alusão de que escrevo sobre a cornélica ou a Gabriela, julgo que não deves ter percebido o significado das suas chamadas às minhas crónicas, até porque recuso mesmo o extremismo (impossível) de viver sem a influência da conjuntura social que nos cerca.

Mas isso, e outras coisas mais, são assuntos que espero vir a debater contigo pessoalmente.

Até lá, despeço-me com amizade.

JOSÉ MANUEL MENDES

TOMÁS RIBAS

(continuação da pág. 1)

tas pela organização conta-se a Semana de Espanha (Setembro), os Seminários de Jornalismo (Outubro), a Sessão Internacional de Poesia Declamada (Novembro), o Colóquio sobre a Droga (Novembro), a Comemoração do Ano Internacional de Rubens (Dezembro) e a Semana Antiga Portuguesa (1978).

Tal ciclo de eventos despertou no prof. Tomás Ribas justificado interesse pelo que, para aprofundamento de detalhes, teve cabimento nova reunião.

Tomás Ribas mostra-se assim receptivo a contactos deste género, sendo curial que os mesmos prossigam com entidades viradas para empreendimentos similares.